



C A P Í T U L O 9

HELENICE, UM HETERÔNIMO DE VINICIUS DE MORAES

Aline Silveira Tasmerão

(SME/RJ)

aline.tasmerao@gmail.com

APRESENTAÇÃO

Helenice foi o heterônimo eleito por Vinicius de Moraes¹ para responder as inquietações de leitoras e leitores no correio sentimental intitulado *Abra o seu coração*², publicado entre março e novembro do ano de 1953 no hebdomadário *Flan: o jornal da semana*³. Dessarte, este verbete⁴ apresenta um perfil da conselheira sentimental observando elementos que constituem a subjetividade do heterônimo expressos nas práticas discursivas presentes nas cartas publicadas para seus leitores.

De tal modo, atentos aos vestígios⁵ presentes nas escritas de si do heterônimo Helenice, interessa-nos saber o que confere e legitima o argumento de autoridade da personagem e a faz uma jornalista apta a aconselhar as leitoras e aos leitores da coluna. Para tanto, são pertinentes à nossa análise pistas sobre sua vida cotidiana como as características de sua profissão como colunista de jornal, seu nível de instrução formal, os livros e autores que lia, de que modo manifestava sua religiosidade. Outrossim, interrogamos como era a relação familiar de Helenice e de que forma conciliava demandas da família com as requisições do trabalho.

¹ Diplomata, poeta, letrista, cantor e colunista brasileiro. Ver: Castello (2013).

² A seção *Abra o seu coração* foi idealizada para ser publicada no caderno feminino de *Flan*. Quando lançado, o periódico foi organizado em três cadernos segmentados direcionados ao público de homens, mulheres e crianças. Ver: Tasmerão (2017)

³ O ciclo de vida do periódico se estendeu entre 1953 e 1954, compunha um dos braços do Grupo Última Hora, conglomerado de mídia dirigido pelo jornalista Samuel Wainer. Ver: Barbosa (2007); Rouchou (2004); Tasmerão (2017)

⁴ Deriva da pesquisa de mestrado da autora defendida em 2017 no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd/UERJ) orientada pela professora dr^a Márcia Cabral da Silva. Ver: Tasmerão (2017)

⁵ Pesquisa situada na perspectiva da história cultural nas fronteiras com a história da leitura, história da educação, história da imprensa e história das mulheres. Ver: Burke (2008)

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Nas cartas publicadas em *Flan*, a colunista revela vestígios sobre sua história de vida, opiniões, posicionamentos políticos e outros. Desse modo, percebemos que existe uma narrativa que a distancia da trajetória de Vinicius conferindo-a identidade.

À vista disso, heterônimos são personagens que pensam diferente de seus autores, e têm, inclusive, estilos distintos de escrita, ainda que, porventura, haja algumas semelhanças. Já os pseudônimos são adotados quando os autores decidem ocultar seu nome evitando o reconhecimento da autoria da publicação (Alberti, 2004). Assim sendo, as prescrições de Helenice nas cartas publicadas em *Abra o seu coração* não consistem em produções assinadas por um nome falso. Não é Vinicius de Moraes o autor das prescrições, e, sim, a personagem criada por ele.

Qual é a importância de um nome? Reflexões acerca dessa indagação nos remetem à questão da ilusão biográfica assinalada por Bourdieu (2006). Conforme o autor, as biografias e narrativas sobre a história de vida de uma pessoa pressupõem a unidade do eu que é percebida como uma abstração do mundo social, ao entender a identidade como a constância de um ser em si mesmo.

Bourdieu (2006) atribui a ilusão da unidade do eu a três fatores: 1) o nome próprio; 2) o ser biológico; e 3) a assinatura. Tais princípios alimentam a ilusão de um sujeito não fracionado e não múltiplo, uma vez que representam a constância da identidade de um ser consigo mesmo. Dessarte, essa ilusão permeia nossas vidas cotidianas em nossas memórias e projetos futuros, sendo um exercício árduo desvinculá-la de uma identidade.

Nessa direção, através de um olhar sobre Helenice, percebe-se uma das facetas de Vinicius de Moraes, um intelectual que, em sua trajetória, transita com prestígio e notoriedade por diversos espaços na sociedade, sendo diplomata, poeta, letrista, cantor, cronista, pai, marido e filho. Contudo, a escolha de um heterônimo desvincula seu nome do correio sentimental *Abra o seu coração*, permitindo-o ampliar possibilidades de criação da colunista.

Nos anos 1950, Vinicius trabalhava como diplomata de carreira no Itamaraty e já tinha certa projeção como poeta, tendo sete livros de poesia publicados, a saber, *O caminho para a distância* (1933), *Forma e exegese* (1935), *Ariana, a mulher* (1936), *Novos poemas* (1938), *Poemas, sonetos e baladas* (1946), *Pátria minha* (1949). Contudo, permanecia como colaborador de jornais e revistas.

Entre 1941 e 1944, Vinicius colaborava com o jornal *A manhã*, periódico favorável ao Estado Novo, produzido pelo poeta Cassiano Ricardo. Em 1944, Vinicius passa a dirigir o *Suplemento Literário* de *O Jornal*. Em 1945, torna-se colaborador do *Diário Carioca* e, posteriormente, da revista *Diretrizes*, publicação dirigida por Samuel Wainer. Em 1947, lança a revista *Filme* junto a Alex Vianny. Em 1951, colabora

como cronista do diário Última *Hora* de Wainer e, consecutivamente, como crítico de cinema.

Nesse contexto, em 1953, Vinicius de Moraes consulta o amigo Samuel Wainer, então diretor do Grupo Última Hora, sobre oportunidades de trabalho com vistas a ampliar sua renda em virtude do nascimento de sua filha Georgiana. Nessa ocasião, Vinicius é convidado a colaborar com duas colunas em *Flan*, mais novo empreendimento de Wainer: 1) o correio sentimental *Abra o seu coração*, e 2) a coluna *Diz-que discos* que trazia as novidades do mercado fonográfico. A princípio, Vinicius hesitou em participar da coluna sentimental, mas reconsiderou ante a possibilidade de assinar com outro nome (Castello, 2013).

Conforme relato de Afonso Arinos, diplomata e amigo próximo a Vinicius, o nome Helenice fora inspirado por uma talentosa piloto de automóveis francesa chamada Hellé Nice que, em março de 1933, mobilizou a cidade do Rio de Janeiro ao disputar o IV Grande Circuito da Gávea pilotando um modelo Alfa Monza azul. O circuito da Gávea tem grande peso nas provas internacionais, de modo que, por seu nível de dificuldade, é conhecido como Trampolim do Diabo (Franco, 2010).

A piloto chamada Mariette Hélène Delangle nasceu em 1900 na França. O nome artístico Hellé Nice possui duplo sentido. Segundo um deles, Hellé é derivado de Hélène e Nice da cidade em que vivia; o outro é um trocadilho intencional com a língua inglesa que indica o quão boa ela era, nesse caso, uma excelente piloto, a *hell nice pilot*. Hellé Nice correu em grandes prêmios internacionais de Fórmula 1, competindo com os melhores pilotos, todos homens, além de participar de *rallies*. Ademais, conquistou oito recordes mundiais de velocidade. O declínio de sua carreira ocorre em 1949, na véspera do Rali de Monte Carlos, quando o piloto Louis Chiron a denunciou publicamente de ter sido espiã da Gestapo, polícia secreta alemã, durante a Segunda Guerra Mundial. Apesar de Chiron não apresentar provas e Hellé Nice negar veementemente a acusação, a piloto perde patrocinadores e é impedida de competir (Seymour, 2015).

A piloto era uma figura controversa à época, sua trajetória contrapunha o que era esperado de uma mulher no início do século XX. Mariette Hélène não se casou nem teve filhos; gozou de breves relacionamentos amorosos. Antes de se dedicar profissionalmente à carreira automobilística, Hellé Nice participou das noites francesas como dançarina. Além disso, foi modelo e posou nua. Sua popularidade a permitiu enriquecer rapidamente. Chamava atenção por sua beleza e não hesitava em posar para a imprensa. Na cidade do Rio de Janeiro, foi a “sensação ao posar na praia de Copacabana com um cigarro na boca e maiô de duas peças. O próprio ditador Getúlio Vargas, admirador do gênero vedete, deixou-se fotografar a cumprimentá-la embevecido” (Franco, 2010 p. 41).

É expressiva a escolha de Vinicius de Moraes ao eleger tal personagem independente, desafiadora e mulher como musa inspiradora do correio sentimental. Em realidade, a escritura de cartas aos leitores de um jornal não seria algo tão polêmico quanto às pistas de um rali. Contudo, se a pilota Hellé Nice desbravou o espaço público notoriamente masculino empenhando-se na carreira automobilística, a conselheira Helenice também parece ter conquistado seu espaço profissional nas páginas do correio sentimental de *Flan*.

Nos anos 1950 e, ainda hoje, a escrita epistolar sobre dilemas amorosos tende a parecer um tema “naturalmente feminino”. Distantes do espaço público, mulheres se dedicaram à escrita de cartas, “uma vez que se tratava de uma atividade privada que não alterava nenhuma das convenções sociais impostas pela sociedade patriarcal” (Gómez, 2001, p. 203).

De fato, a correspondência que leitores remetem com vistas à publicação em um correio sentimental de um jornal não possui configuração privada. No entanto, percebemos que uma das propostas da coluna é a de extravasar para a esfera pública relações amorosas e familiares próprias do âmbito privado. Outra proposta é a de conformar seus leitores ao comportamento considerado próprio à época.

É oportuno ressaltarmos que a personagem Helenice é construída sob a ótica de uma subjetividade masculina. Isto é, trata-se de uma personagem mulher criada por um homem, portanto, a partir do que um homem espera que uma mulher seja, pense e aconselhe. Essa estratégia editorial, de um lado, nega a participação de autores prestigiados em cadernos femininos e, de outro, não permite que mulheres se expressem nesses espaços.

Outros intelectuais, como Claudio de Sousa e Nelson Rodrigues, do mesmo modo que Vinicius, recorreram a heterônimos femininos para se identificarem em publicações prescritas para mulheres no século XX. Claudio de Sousa, por exemplo, elegeu o heterônimo Anna Rita Malheiros⁶ para publicar na *Revista Feminina*, periódico que circulou entre 1914 a 1936. Nelson Rodrigues designou os heterônimos Myrna e Suzana Flag para publicar em páginas femininas nos periódicos *O Jornal* e *Diário da Noite* respectivamente, ambos pertencentes aos Diários Associados de Assis Chateaubriand. Posteriormente, em 1954, Suzana Flag passa a assinar a seção de cartas *Abra o seu coração* em *Flan*⁷.

Uma vez que optam pela criação de heterônimos para assinar uma literatura considerada inferior, esses intelectuais desvinculam seus nomes e histórias de vida dessa trajetória. Nessa perspectiva, de modo inverso, a criação de heterônimos desvincula a história de vida do personagem criado daquela de seu autor. Dessa forma, amplia as possibilidades de invenção desse personagem.

⁶ A respeito do heterônimo Anna Rita Malheiros de Claudio de Sousa, ver: Tasmerão, Santos (2013)

⁷ A respeito dos heterônimos Myrna e Suzana Flag de Nelson Rodrigues ver: Tasmerão (2017)

DESENVOLVIMENTO GERAL SOBRE O TEMA

A escrita sobre o outro também desnuda Helenice e revela faces da conselheira. Helenice se deixa aparecer como leitora no julgamento que elabora sobre as histórias de vida narradas pelos leitores, como autora de prescrições ao orientar a conduta de seus leitores e, principalmente, nos exemplos que oferece sobre suas vivências.

Apesar de não ocorrer menção à instrução formal da colunista, há indicações de sua relação com a leitura. Podemos observar a predominância do interesse pelos gêneros poético e prosa literária com citações a Baudelaire, Kafka e Manuel Bandeira. Ademais, podemos inferir que a colunista é uma leitora de jornal e não de revistas femininas, uma vez que sequer menciona alguma. A conselheira refere-se ao noticiário policial e apresenta-se atenta a questões políticas da atualidade, além de mostrar-se sensível às causas sociais dos trabalhadores e aos pais de família. Menções a Platão, Pitágoras e Sócrates remetem ao interesse em filosofia. Demonstra apreço pela música popular ligada ao samba com menções a produções de Francisco Alves e Noel Rosa, por exemplo.

A correspondência sugere profícuas relações entre a colunista e a Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro. Ela não revela o local onde mora, contudo mostra-se habituada à vida cotidiana em bairros como Botafogo, Gávea, Copacabana, Cosme Velho e Leblon. Há referência à viagem à França, durante a qual conviveu com pessoas publicamente conhecidas, cujos nomes não poderia expor no jornal. Helenice expressa certa sensibilidade ante as transições da cidade e seus habitantes. Ao passar pela Praça da República, se espanta com a indiferença dos transeuntes acerca da insólita morte de um homem.

Helenice, muitas vezes, cita suas vivências como forma de inspirar seus leitores a superarem dilemas pessoais. Além disso, essa estratégia humaniza a personagem criada por Vinicius e prepara o espírito dos leitores para aquilo com o que irão se deparar ao longo da leitura.

Na primeira edição da coluna, a conselheira convida seus leitores a lhe remeterem cartas compartilhando seus dilemas e angústias:

MEU TRISTE LEITOR, MINHA INCONSOLÁVEL LEITORA

[...] Eu venho também de grandes sofrimentos e amarguras. O mundo das sombras do espírito e das doenças da alma não tem segredo para mim. Foi o fato de sofrê-las que me deu o dom de ajudar o meu semelhante. [...]

Eu sei que o mundo é triste, que o ser humano é frequentemente duro e impiedoso, e que o caminho de uns só deixa abismo no caminho de outros. Sei que às vezes

o pensamento daquele que sofre só encontra consolo na idéia de Deus ou da morte! Sei que às vezes se olha à volta e só vêm rostos cobertos por máscara da mais cruel indiferença.

Mas a verdade é outra. E eu quero pedir a você que se aproveite dessa verdade que eu aceitei, e que trouxe uma grande paz à minha mocidade, uma imensa paz no seio mesmo do sofrimento.

Eu quero pedir a você que me abra o seu coração.

Quando o mundo lhe parecer hostil e você encontrar em cada ser humano um inimigo: me abra o seu coração.

Abra o seu coração quando aquele ou aquela que você ama lhe parecer distante, e você sentir que periga o seu amor.

Quando você sentir incompreensão dos seus com relação aos problemas do seu tempo, quando você falar e não for ouvido, quando o que você ouvir lhe parecer tão horrível que nada mais lhe reste de esperança: abra o seu coração.

Quando, nos grandes dias de sol, as ruas lhe parecerem vazias de homens, quando tudo lhe parecer inútil e sem perspectiva: abra o seu coração.

Escreva-me uma carta. Eu a responderei fielmente. E nessa resposta, procurarei restituir a você essa esperança que você julga perdida.

Creia-me sua amiga, meu triste leitor, minha inconsolável leitora. Eu estou aqui para ajudar, para ouvir, para compreender.

Helenice (*Flan*, 12-19 abr. 1953. Abra o seu coração, p. 10)

Já na primeira publicação, a colunista escreve aos seus leitores demonstrando familiaridade no relacionamento entre eles. É a informalidade da escrita que indicia a proximidade esperada entre remetente e destinatário. O vocativo *Meu triste leitor, minha inconsolável leitora*, pressupõe um público composto por homens e mulheres que gozaram de adversidades. A conselheira finaliza de modo afetuoso, criando vínculos de amizade com o público leitor: “Creia-me sua amiga, meu triste leitor, minha inconsolável leitora. Eu estou aqui para ajudar, para ouvir, para compreender”. Desse modo, ao romper com formalidades do fechamento da escrita epistolar, parece que ela deseja expressar vínculos de afeto e reafirmar o convite aos leitores à escrita de cartas.

Ao assumir a função de conselheira e dialogar com seu público, Helenice representa a idealização de uma mulher que passou por amarguras reais, conhece as verdades da vida e as dores do desamor. O domínio de seus desejos constitui condição moral para orientar os leitores através de seu exemplo de virtude. Helenice supera possíveis adversidades ao encontrar um homem que a apresentou o verdadeiro amor. Então com ele se casa, como expresso na correspondência abaixo.

IGNOTO – Porto Alegre – “... uma incurável tristeza, que me leva cada vez mais às bordas do suicídio...”

Eu o compreendo tanto, Ignoto... Esta sua amiga aqui já sofreu do mesmo mal e, se tempo andasse quinze anos para trás e nossos papéis se invertissem seria você quem receberia uma carta da qual constaria a triste frase acima.

Não posso lhe dizer exatamente como venci a minha tristeza, Ignoto, mas foi provavelmente a luta mais dura que já tive no mundo. Nada tinha graça para mim. Acordava já com a sensação da inutilidade do dia a vencer e deitava-me com a de nada ter feito de bom. A cinza das horas, de que fala o poeta Manuel Bandeira, parecia cobrir-me tôda. [...]

Depois, aconteceu-me um amor, êsse mesmo que guardo fielmente até hoje. Foi a cura. Daí em diante passei a abençoar cada dia que passa, e quando me lembro que, tivesse sido mais fraca, teria perdido tôda essa felicidade que me esperava, confesso a você que fico horrorizada. (*Flan*, 25-31 out. 1953. Abra o seu Coração, p. 37).

Nesse sentido, a felicidade feminina está condicionada ao matrimônio e à esperança no amor, afinal “o grande sentimento de quem ama deve ser o da esperança”⁸. Helenice sugere que a infelicidade de estar solteira lhe despertava a sensação da inutilidade, sendo esta a luta mais dura que já enfrentou. Os dias se passavam sem que ela encontrasse seu papel na sociedade.

Tamanha tristeza a fez considerar o suicídio, de modo que a menção ao livro *A cinza das horas* reafirma o sentimento de melancolia e confere à fala da conselheira um tom fúnebre. No livro, os poemas por vezes relatam o ato de morrer e a agonia de esperar pela morte, como expresso no poema *Desencanto: Eu faço versos como quem morre*. (Bandeira, 2013, p. 5).

O termo esperança está estritamente relacionado ao sentido de espera. O cessar da busca matrimonial concebeu o fim de um ciclo de angústias no qual Helenice lutava consigo contra a violência de seus desejos. A cura de Helenice foi o amor de um homem que a proporcionou plenitude na vida.

Assim, constituir família com seu marido representou conhecer virtudes em si mesma. Há, nesse sentido, a transição entre um passado em que predominava a dúvida de viver sem vislumbre de uma finalidade para sua existência em direção a um presente em que há prazer em existir por sua família.

Além de dona de casa, Helenice é jornalista, colunista de um jornal de propriedade do Grupo Última Hora, que alcançara notoriedade nos anos 1950. Ao dedicar-se ao seu dever jornalístico, Helenice não perde de vista o compromisso com sua família:

Da minha mesa de trabalho vejo a sala, meu marido que brinca com nosso pequenininho, e lá adiante pela janela aberta, a noite grande se estende sobre milhões de seres felizes e infelizes. Esses últimos precisam de mim – e eu aqui estarei, fiel a meu dever jornalístico e humano, para dizer as palavras que necessita ouvir (...) (*Flan*, 19-25 abr. 1953. Abra o seu Coração, p. 10).

⁸ *Flan*, 11-17 out. 1953. Abra o seu Coração, p. 45.

A conselheira trabalha em casa com olhos atentos à rotina familiar, conciliando as atividades profissionais e domésticas em uma dupla jornada. Sobre ser colunista em um semanário, Helenice relata: “Emociona-me pensar que serei a destinatária de dolorosas confidências, aquela para quem se voltam as necessidades de amor, de esperança, de fé e de consolo”⁹. O trecho “foi o fato de sofrê-las que me deu o dom de ajudar o meu semelhante”¹⁰ exprime que as qualidades da conselheira para ocupar o cargo de colunista não são vistas como profissionais, mas entendidas tal qual um ato de caridade, legitimado pelo seu exemplo de virtude.

A conselheira aprendeu a resistir às tentações e a se guardar, segundo sua visão, com decência em qualquer circunstância. A legitimidade para aconselhar seus leitores deriva das vitórias que teve sobre si, ao se conformar às prescrições da razão ainda que diante de tentações. Isto é, ao ser guardiã zelosa de si em face aos desejos e prazeres e a força que exercem, conduzindo à sedição e à revolta.

Helenice é movida pela fé e pela religiosidade, características que conferem a ela as qualidades próprias para aconselhar seus leitores na direção do que considera verdade. Acredita ser uma apóstola do bem em uma árdua missão de mitigar a dor dos que sofrem. Desse modo, a religiosidade cristã da conselheira se faz presente nas prescrições. Ela não cita a religião que a orienta, contudo fornece pistas sobre sua devoção. Helenice enfatiza que o sofrimento é uma vaidade humana de não se render à “verdade” divina. Sofrer é, portanto, uma escolha dos que preferem não zelar pela moral cristã. Pelo vislumbre das recompensas de seguir a boa moral valeria a pena abdicar do gozo dos prazeres imediatos em busca do eterno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao traçar um perfil da conselheira, importa compreender o que particulariza esse heterônimo nas histórias narradas em *Abra o seu coração*, com vistas a ampliar a percepção da problemática da heteronímia em Helenice. A partir das pistas percebidas nas cartas publicadas no semanário *Flan*, tecemos um perfil sobre a colunista observando, através das escritas de si, como ela constrói seu discurso de autoridade junto aos seus leitores, de modo a encenar a imagem de uma mulher exemplar.

Assim, atribuíamos a si mesma as qualidades necessárias a uma conselheira, como ter resistido às tentações da juventude e esperado por seu amor, ter casado, ser mãe, exercer uma dupla jornada de trabalho sem abrir mão da família, além de ser cristã. Seu valor se dava pelas vivências que teve, e, mais que isso, por ter resistido

⁹ *Flan*, 19-25 abr. 1953. *Abra o seu Coração*, p. 10.

¹⁰ *Flan*, 19-25 abr. 1953. *Abra o seu Coração*, p. 10.

ao ímpeto de suas angústias, ao desejo da morte e ao sofrimento ocasionado pela espera de um marido.

Ademais, com Roger Chartier (2011), inferimos que as representações veiculadas no impresso têm uma energia própria capaz de persuadir seus leitores, segundo a qual o real corresponde ao que elas dizem e mostram. Essa visão de que os textos escritos criam realidades nos ajuda a pensar na dinâmica das representações sobre leitura e leitores existentes nas práticas discursivas de *Flan*.

Se, por um lado, os heterônimos femininos podem ser percebidos como uma tática editorial que faculta um sentimento de identificação com o público composto por mulheres ou por temas os quais mulheres são consideradas mais aptas a se interessarem, por outro lado, os heterônimos resguardam a identidade de intelectuais já prestigiados ao publicarem na imprensa feminina. Reafirmam, portanto, a delimitação da atuação das mulheres em espaços considerados menos notáveis, restritas a escreverem sobre questões pertinentes ao âmbito do espaço privado, como o lar e a vida amorosa.

Palavras-chave: Vinicius de Moraes. Heterônimo. Cartas de Leitores.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Manuel. **A cinza das horas**. Rio de Janeiro: Global Editora, 2013.

BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa: Brasil 1900-2000**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BOURDIEU, Pierre. Ilusão Biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (Org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CASTELLO, José. **Vinicius de Moraes: o poeta da paixão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

CHARTIER, Roger. Uma trajetória intelectual: livros, leituras, literaturas. In: ROCHA, João Cezar Castro (Org.). **Roger Chartier, a força das representações: história e ficção**. Chapecó: Argos, 2011.

FLAN: O JORNAL DA SEMANA. Rio de Janeiro. Grupo Última Hora. Semanal. 1953-1954.

FRANCO, Affonso Arinos de Mello. Depoimento Affonso Arinos de Mello Franco. In: BRASIL, **Embaixador do Brasil**. Brasília: FUNAG, 2010.

GÓMEZ, Antonio Castillo. Entre la necesidad y el placer: la formación de una nueva sociedad del escrito (se.XIII-XV). In: GÓMEZ, Antonio Castillo (Org.). **Historia de la cultura escrita: del próximo Oriente Antiguo de la sociedad informatizada**. Gijón: ediciones TREA S.L., 2001.

ROUCHOU, Joelle. **Samuel duas vozes Wainer**. Rio de Janeiro: UniverCidade Editora, 2004.

SEYMOUR, Miranda. **The Bougati Queen**: in search of a motor-racing legend. New York: Random House, 2015.

TASMERÃO, Aline Silveira; SANTOS, Jenifer Silva. Revista Feminina (1915): Leituras Seleccionadas e Interpretações Corretas para Leitoras Ideais. **Revista Linha Mestra**. Ano VIII, nº. 24, p. 315-319, jan./jul., 2014.

TASMERÃO, Aline Silveira. **Abra o seu coração: a dimensão educativa do correio sentimental de c (1953)**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2017.

SOBRE A AUTORA

Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestre em Educação pelo programa de pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd/UERJ). Professora dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental I na Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME/RJ).



PARTE III

LITERATURA E FEMINISMOS